

Carta Mensal – Junho 2019

Fazendo um balanço do cenário econômico e político deste primeiro semestre, observamos que vivemos no Brasil momentos bastante distintos. No início do ano havia um grande otimismo com a retomada da economia, a retomada dos preços das ações internacionais, que haviam caído muito no final do ano anterior, ajudavam também as ações das empresas brasileiras a terem um bom desempenho. Em seguida, as notícias no campo político e econômico fizeram com que se aumentassem as preocupações com o crescimento econômico e com a capacidade do novo governo de implantar reformas econômicas. O cenário voltou a melhorar em meados de maio, com o Congresso Nacional tomando o protagonismo da condução da reforma da previdência. Ao final do semestre, vimos a reforma da previdência estar muito próxima de ser aprovada, e a economia dar sinais de estar em uma trajetória de recuperação, embora ainda fraca. Estes avanços permitem que acreditemos em um cenário positivo para o próximo semestre.

Após o avanço na reforma da previdência, esperamos que o Banco Central retome uma política monetária mais expansiva. Com a economia ainda fraca e a inflação para os próximos doze meses próxima de 3,0% ao ano vemos espaço para uma redução da taxa Selic para um patamar entre 5,0% e 5,5%. Estes juros permitirão uma retomada mais forte da economia, e ajudarão a colocar a dívida pública em uma trajetória de queda em relação ao PIB, seja pelo custo menor de juros que o Estado terá que pagar, como pelos efeitos positivos nos balanços das empresas e indivíduos e na retomada da atividade.

Um ambiente de juros mais baixos é algo inédito no Brasil nos últimos 25 anos. Desde o fim da hiperinflação, com o Plano Real, os juros reais se mantiveram em patamares muito altos. Juros menores permitem que os superávits fiscais menores para estabilizar a relação da dívida com o PIB sejam menores, permitem maior competitividade para as empresas nacionais e maior crescimento econômico. Permitem também que o governo a médio prazo retome a capacidade de investimento.

Embora o governo federal ainda esteja com um déficit primário, e deva continuar com uma política forte de austeridade fiscal podemos imaginar que esta política poderá ser diminuída na medida que o crescimento econômico retome de forma mais consistente e forte. Para isso, a ação do Banco Central de redução da taxa de juros é fundamental. Em um ambiente de política fiscal ainda contracionista, que reduz o crescimento, a política monetária tem espaço para ser mais expansionista, ou seja, com juros menores, do que a que estamos vendo hoje.

Neste primeiro semestre, tanto as ações, com aplicações pós-fixadas e pré-fixadas tiveram retornos muito positivos. Nossa expectativa é que principalmente ações continuarão ter bons retornos neste 2o semestre.

A Tabela I apresenta a atribuição de performance dos nossos fundos.

Tabela I – Atribuição de Performance

	Bresser Ações FIA		Bresser Hedge (EX CDI)		Bresser Hedge Plus (EX CDI)	
	Mensal	Anual	Mensal	Anual	Mensal	Anual
Ações	2,10%	13,44%	0,07%	0,97%	0,13%	1,77%
Moedas	0,00%	0,00%	0,00%	-0,19%	0,00%	-0,35%
Renda Fixa	0,02%	0,17%	1,09%	2,73%	1,86%	4,73%
Custos	-0,12%	-1,80%	-0,30%	-1,29%	-0,58%	-2,21%
CDI			0,47%	3,07%	0,47%	3,07%
Total	2,00%	11,82%	1,33%	5,30%	1,87%	7,01%